



INSÓLITA
MUSEU & ANTIQUÁRIO





Copyright © 2020 by Luva Editora

Editor

Vítor Uchôa

Projeto Gráfico e Diagramação

Vítor Uchôa

Organização

Julia do Passo Ramalho e Úrsula Antunes

Tradução

Nathalia Rondán

Preparação

Úrsula Antunes

Impressão e acabamento:

PSI 7 - Soluções Gráficas

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à Luva Editora.

Rua Garcia Redondo, 68, C.10. CEP - 20775-170

Cachambi - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

www.luvaeditora.com.br



ONHEAMA



A MÁSCARA DE PRATA

LUNA
EDITORA



CERTIFICADO DE AUTENTICIDADE

O ITEM É CERTIFICADO PELA INSÓLITA - MUSEU & ANTIQUÁRIO,
COMO ARTEFATO ORIGINAL, PORÉM SEM DATAÇÃO ESPECÍFICA DE
ORIGEM E COM PROVÁVEL PROVENIÊNCIA DO REINO UNIDO.

PARA GARANTIR SEU MELHOR USO, RECOMENDAMOS QUE LEIA AS
PÁGINAS A SEGUIR COM ATENÇÃO.

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO MAU USO, OU PELAS
CONSEQUÊNCIAS DE SEU MANUSEIO INADEQUADO.

MODELO ÚNICO
NÚMERO DE SÉRIE 06662

PROPRIETÁRIO

DATA E LOCAL



A MÁSCARA DE PRATA

Hugh Walpole (1884-1941)

A senhorita Sonia Herries, recém-saída de um jantar na casa dos Westons, ouviu uma voz bem ao seu lado.

— Por favor... só um minuto...

Ela veio andando do apartamento dos Westons, já que ficava há apenas três ruas dali, e agora estava apenas a alguns passos de sua porta, mas era tarde da noite, não havia ninguém no entorno e o barulho da King's Road ressoava abafado e fraco.

— Sinto muito, não posso... — ela disse. Estava frio e o vento beliscava suas bochechas.

— Se apenas pudesse... — insistia a voz.

Ela se virou e deparou-se com um dos jovens mais atraentes por ela já visto. Ele era o galã de todas as histórias românticas: alto, cabelo escuro, pálido, magro, distinto... — ah, tudo isso! — trajando um terno azul surrado e tremendo de frio, devido às suas vestes.

— Sinto muito, não posso... — ela repetiu, e começou a andar.

— Ah, eu sei — ele interrompeu rapidamente. — Todos dizem a mesma coisa, é claro. Eu faria o mesmo no seu lugar. Mas eu PRECISO insistir. Não POSSO voltar para minha esposa e bebê de mãos vazias. Não temos fogo, nem comida, nada, exceto o teto sob o qual moramos. A culpa é minha, toda minha. Eu não quero sua pena, mas eu PRECISO incomodá-la.

Ele tremia. Tremia como se fosse cair. Involuntariamente, ela estendeu a mão para mantê-lo em pé. Ela tocou o seu braço e o sentiu tremer sob a manga fina.

— Está tudo bem — ele resmungou. — Estou faminto... Não posso evitar.

Ela tinha jantado bem. Tinha bebido o suficiente para fazer algo tolo.

De qualquer maneira, quando se deu por si, estava levando o rapaz em direção à sua porta pintada de azul-escuro. O que era uma loucura! Não era como se ela fosse jovem demais para não saber o que estava fazendo; ela já tinha cinquenta anos, embora tivesse um corpo robusto e fosse forte como um cavalo (exceto por um pequeno problema cardíaco), era inteligente o suficiente para ser magra, neurótica e estranha; mas não era nada disso.

Embora inteligente, ela sofria de maneira extrema por sua bondade impulsiva. A vida toda tinha sido assim. Os erros que ela cometeu — e dela foram vários —, tinham todos sido causados pelo triunfo de seu coração sobre seu cérebro. Ela sabia — e como ela sabia! — e todos os seus amigos sempre a lembravam disso. Quando ela chegou aos seus cinquenta anos, ela disse para si mesma “Finalmente, agora estou velha demais para ser tola”. E aqui estava ela, deixando um completo estranho entrar em sua casa, na calada da noite, que era provavelmente o pior tipo de criminoso existente.

Logo ele estava sentado em seu sofá cor-de-rosa, comendo sanduíches e bebendo uísque com refrigerante. Ele parecia estar totalmente envolto pela beleza de seus bens. Se ele estiver fingindo, está fingindo muito bem, ela pensou. Mas ele tinha bom gosto e conhecimento. Ele sabia que o quadro de Utrillo era do começo de sua carreira, período de maior importância do trabalho desse mestre; ele sabia que os dois velhos conversando sob uma janela pertenciam ao “período italiano” de Sickert; ele reconheceu o busto de Dobson e o lindo alce verde de Carl Milles.

— Você é um artista — ela disse. — Você pinta?

— Não, sou um cafetão, um ladrão, o que você quiser... qualquer coisa ruim — ele respondeu acalorado. — E agora eu preciso ir — ele continuou, se levantando do sofá.

Ele parecia realmente revigorado. Ela mal podia acreditar que ele era o mesmo jovem que meia hora antes havia se apoiado em seu braço para manter-se em pé. E ele era um cavalheiro.

Disso não havia nenhuma dúvida. E ele era surpreendentemente bonito, conforme o padrão de beleza de uns cem anos atrás: um jovem Byron, um jovem Shelley, não um jovem Ramon Novarro ou um jovem Ronald Colman.

Bem, é melhor mesmo que ele vá embora, e ela esperava que (pelo bem dele, e não pelo dela) que não pedisse a ela dinheiro e causasse uma comoção. Afinal, com seu cabelo branco como a neve, queixo firme e robusto, com o corpo igualmente firme e robusto, ela não parecia alguém facilmente ameaçável. Ele não tinha aparentemente a menor intenção de fazer isso. Ele se moveu em direção à porta.

— Ah! — ele murmurou com um leve suspiro de admiração. Ele havia parado diante de uma das coisas mais lindas que ela tinha: uma máscara de prata do rosto de um palhaço, um palhaço sorridente, contente, alegre, ao invés de melancólico como todos os palhaços são tradicionalmente retratados. Foi uma das obras mais bem sucedidas do famoso Sorat, o maior mestre ainda vivo na arte das máscaras.

— Sim, eu sei. Não é linda? — disse ela. — É uma das primeiras obras de Sorat e, ainda assim, eu acho, uma das suas melhores.

— Prata é o material certo para aquele palhaço — ele disse.

— Sim, também acho — ela concordou. Ela percebeu que não tinha perguntado nada sobre seus problemas, sobre sua pobre esposa e bebê, sobre o seu passado. Talvez fosse melhor assim.

— Você salvou a minha vida — disse a ela no corredor. Ela estava com uma nota de uma libra na mão.

— Bem — ela respondeu alegremente —, fui tola em me arriscar trazendo um estranho para a minha casa a essa hora da noite; ao menos é o que meus amigos diriam. Mas uma mulher velha como eu... qual o perigo?

— Eu poderia ter cortado sua garganta — ele disse com seriedade.

— Poderia — ela admitiu. — Mas as consequências para você seriam desastrosas.

— Ah, não — ele disse. — Hoje em dia, não. A polícia nunca consegue pegar ninguém.

— Bem, boa noite. Tome isso. Vai ajudar você a se aquecer, pelo menos.

Ele pegou a libra.

— Obrigado — ele disse despreocupadamente. Então, à porta ele, comentou: — Aquela máscara... A coisa mais linda que já vi.

Quando a porta se fechou e ela voltou para a sala, suspirou:

— Que homem bonito! — Então ela se deu conta de que sua lindíssima cigarreira de jade branco tinha sumido. O objeto estava na mesinha ao lado do sofá. Lembrou-se de tê-la visto antes de ir à cozinha cortar os sanduíches. Ele a roubou. Ela procurou em todo lugar. Não, sem sombra de dúvida, ele a havia roubado.

Que homem bonito! Ela pensou enquanto ia para a cama.

Sonia Herries era uma mulher de seu tempo: por fora era cínica e destrutiva, enquanto por dentro era uma criatura em busca de afeto e apreciação. Apesar dos cabelos brancos e dos cinquenta anos, ela era visivelmente ativa, jovem, conseguia ficar bem dormindo e comendo pouco, além de dançar e beber coquetéis e jogar cartas até o fim dos tempos. Intimamente, não gostava nem de coquetéis, nem de jogar cartas. Ela era, acima de tudo, maternal, com um coração fraco, não só emocionalmente, como fisicamente também. Quando sentia dor, precisava tomar seu remédio, deitar e descansar, não permitindo que ninguém a visse. Como todas as outras mulheres de seu tempo e de seu modo de vida, tinha uma coragem digna de causas melhores.

Ela era heroína de nenhuma causa.

Mas, mais que tudo, ela era maternal. Pelo menos duas vezes, ela esteve prestes a se casar, se estivesse apaixonada o suficiente, mas o homem a quem realmente amou, não a correspondeu (isso foi há vinte anos), então fingia detestar a ideia de se casar. Caso tivesse tido filhos, teria se realizado; como não teve essa sorte, foi maternal (aparentando um cinismo indiferente) com inúmeras

peessoas que a usaram; às vezes ainda riam dela, já que nunca a deram importância de fato. Ela era chamada de “uma pessoa bondosa” e estava sempre à margem da vida real dos seus amigos. Seus conhecidos, os Herries, Rockages, Cards e Newmarks, a usavam para ocupar lugares ruins à mesa, para preencher salas vazias em festas, para fazer compras para eles em Londres, para conversar quando algo dava errado ou quando alguém lhes fazia mal. Ela era uma mulher muito solitária.

Encontrou-se com o jovem ladrão mais uma vez, duas semanas depois. Ele foi até sua casa em uma noite, enquanto ela se vestia para o jantar.

— Tem um jovem na porta — disse a empregada, Rose.

— Um jovem? Quem? — Mas ela sabia quem era.

— Não sei, senhorita Sonia. Ela não me disse seu nome.

Ela desceu e o encontrou no hall, e a cigarreira estava em suas mãos. Ele estava usando roupas melhores, mas ainda aparentava estar faminto, abatido, desesperado e incrivelmente bonito. Ela o acompanhou até a sala onde haviam estado antes. Ele entregou-lhe a cigarreira.

— Eu a penhorei — ele disse, seus olhos na máscara de prata.

— Que coisa mais horrível de se fazer! — ela disse. — O que mais vai roubar?

— Minha esposa conseguiu algum dinheiro semana passada — ele disse. — Vamos conseguir nos manter por um tempo.

— Você não trabalha? — ela perguntou.

— Eu pinto — ele respondeu. — Mas ninguém quer saber dos meus quadros. Não são modernos o suficiente.

— Você tem que me mostrar um de seus quadros — ela disse, e seu deu conta do quanto era fraca. Não era o fato de ele ser bonito que lhe conferia poder sobre ela, mas era algo nele de impotente e desafiador, como uma criança levada que odeia a sua mãe, mas sempre pede sua ajuda.

— Eu trouxe alguns — ele disse; foi até o saguão e voltou com várias telas. Ele as mostrou. Eram horríveis... paisagens cafonas e figuras sentimentalistas.

— São horríveis — ela disse.

— Eu sei. Você precisa entender que meu gosto estético é muito refinado. Aprecio apenas as melhores artes, como sua cigarreira, aquela máscara ali, a pintura de Utrillo. Mas só consigo pintar isso. É muito frustrante. — Ele sorriu. — Não quer comprar uma? — ele perguntou.

— Ah, não quero — ela respondeu. — Teria que escondê-la. — Ela sabia que dentro de dez minutos seus convidados chegariam.

— Ah, compre uma.

— Não, claro que não...

— Compre, por favor... — Ele se aproximou dela e olhou para o seu rosto largo e bondoso como uma criança suplicante.

— Bem... quanto custam?

— Esta aqui custa vinte libras. Esta, vinte e cinco...

— Que absurdo! Elas não valem absolutamente nada.

— Talvez valham algum dia. Nunca se sabe, com quadros modernos.

— Tenho certeza de que não vão valer.

— Compre uma, por favor. Aquela ali com as vacas não é tão ruim.

Ela se sentou e lhe fez um cheque.

— Sou uma tola, mesmo. Tome isto e saiba que nunca mais quero vê-lo. Nunca mais! Não permitirei mais que entre. Não tente falar comigo na rua. Se me incomodar, vou chamar a polícia.

Ele pegou o cheque com uma satisfação silenciosa, estendeu sua mão e apertou a dela um pouco.

— Pendure na luz certa e não vai parecer tão ruim...

— Você precisa de botas novas — ela disse. — Essas são horríveis.

— Agora posso comprá-las — ele disse e foi embora.

Durante toda aquela noite, enquanto escutava as ironias duras e ríspidas dos seus amigos, ela pensou naquele jovem. Ela não sabia o nome dele. A única coisa que sabia, e que ele mesmo tinha confessado, era sobre ser um salafrário e ter uma esposa e uma criança faminta dependentes dele. A imagem que ela criou desses três a assombrava. De certa forma, ele tinha sido honesto ao devolver a cigarreira. Ah, mas ele sabia, claro, que se não a devolvesse, ela não o deixaria entrar. Ele tinha descoberto logo de cara que ela era uma ótima fonte de fornecimento, e agora que havia comprado uma de suas pinturas deploráveis... Mesmo assim, ele não devia ser tão ruim assim. Alguém que tem tamanho apreço por coisas belas não pode ser tão desprezível. A forma com que ele foi direto até a máscara de prata, assim que entrou na sala, e a admirou como se com sua própria alma! E ali estava ela, sentada na mesa de jantar, relutando com esses sentimentos cínicos, repleta de ternura, quando olhou para a parede em cuja superfície pálida a máscara de prata estava pendurada. Pensava que a máscara trazia um certo olhar contente do jovem naquela superfície brilhante. Mas onde? A bochecha do palhaço era robusta, sua boca, grande, seus lábios, carnudos... e mesmo assim, mesmo assim...

Nos próximos dias ela, instintivamente, sempre que andava por Londres, observava os transeuntes à procura do rapaz. Ocorreu-lhe logo que ele era muito mais bonito do que qualquer pessoa que passava. Mas não era devido ao fato de ser bonito que ele lhe assombrava. Era pelo fato de ele querer que ela fosse bondosa, e porque ela desejava — ah, e como desejava — ser bondosa com alguém!

Quanto à máscara de prata, teve a impressão de que ela estava mudando gradualmente: o rosto ficando mais fino, e uma nova luz parecia surgir em seus olhos vazios. Era sem dúvida uma coisa linda.

Então, tão inesperado como das outras vezes, ele apareceu. Numa noite enquanto voltava do teatro, fumando um último cigarro, se preparava para subir as escadas e ir para a cama, quando

ouviu alguém bater na porta. Todo mundo tocava a campainha... ninguém usava a aldrava antiquada em formato de coruja, comprada num dia ocioso em uma velha loja de curiosidades. A batida fazia com que ela tivesse certeza de que era ele. Rose já tinha ido dormir, então ela mesma foi abrir a porta. Lá estava ele, junto de uma moça jovem e um bebê. Todos entraram e ficaram com um ar envergonhado perto da lareira. Foi naquele momento, quando ela os viu juntos, que uma pontada de medo a estremeceu pela primeira vez. Ela se deu conta do quão fraca era... Como se virasse água diante deles, ela, Sonia Herries, cinquenta anos de idade, independente e forte, saudável exceto por um pequeno problema de coração... sim, apenas água! Ela sentia medo como se alguém tivesse sussurrado um aviso em sua orelha.

A moça era linda, de cabelos ruivos e rosto pálido, magra e graciosa. O bebê, enrolado em um xale, dormia profundamente. Ela os ofereceu bebidas e o resto dos sanduíches que tinham sido feitos para ela. O jovem a olhava com seu sorriso encantador.

— Não viemos mendigar desta vez — ele disse. — Mas eu queria que você visse minha esposa e queria que ela visse algumas de suas lindas coisas.

— Bem — ela disse bruscamente. — Vocês só podem ficar por alguns minutos. Está tarde. Preciso dormir. Além disso, eu disse para que não viesse mais aqui.

— Ada me fez vir — ele disse, acenando com a cabeça para a moça. — Ela estava ansiosa para ver você.

A moça não disse nada e apenas a encarava emburrada à sua frente.

— Tudo bem. Mas precisam ir logo. Aliás, você nunca me disse seu nome.

— Henry Abbott, e essa é Ada, e o bebê se chama Henry, também.

— Tudo bem. E como tem passado?

— Ah, bem! Vivendo das dádivas da terra. — Mas ele logo ficou em silêncio e a moça não dizia nada. Depois de uma longa pausa, Sonia Herries sugeriu que eles fossem embora. Eles não

se mexeram. Meia hora depois, ela voltou a insistir. Eles se levantaram. Mas, perto da porta, Henry Abbott pescoceou em direção à escrivaninha.

— Quem escreve suas cartas?

— Ninguém, eu mesma as escrevo.

— Seria bom ter alguém para escrevê-las. Economizaria tempo. Eu as escrevo para você.

— Ah não, obrigada. Não daria certo. Bem, boa noite, boa noite...

— Claro que daria, eu as escrevo para você. E não precisa me pagar nada. Vai ser bom para passar o tempo.

— Não precisa... boa noite, boa noite.

Ela fechou a porta na cara deles. Não conseguia dormir. Ficou deitada pensando nele. Ela sentiu pena, em parte por sua afeição maternal, que chegou a aquecer seu coração (a moça e o bebê pareciam tão indefesos sentados ali), por outro lado devido a um arrepio de preocupação que gelou suas veias. Bem, ela não esperava vê-los outra vez. Ou não? Amanhã, ao caminhar pela rua Sloane, ela não observaria os passantes procurando por ele?

Passados três dias, em uma manhã úmida, ela decidiu passar o dia organizando as contas. Estava sentada em sua mesa, quando Rose o anunciou.

— Vim escrever suas cartas — ele disse.

— Não veio, não — ela disse, ríspida. — Portanto, Henry Abbott, vá embora. Estou cansada disso...

— Ah, não está, não — ele disse, e se sentou à mesa.

Ela se envergonharia para sempre, mas meia hora depois estava sentada na ponta do sofá dizendo-lhe o que escrever. Ela não queria admitir, mas gostava de vê-lo ali. Ele a fazia companhia e, independentemente do quanto ele a tivesse decepcionado, ele era por certo um cavalheiro. Ele se comportou muito bem naquela manhã; escreveu com uma caligrafia primorosa. Ele parecia saber exatamente o que dizer.

Uma semana depois, ela disse, rindo, à Amy Weston:

— Querida, você não vai acreditar! Tive que contratar um secretário. Um moço muito bonito. Mas não me julgue. Você sabe que homens bonitos não ME interessam... e é uma ajuda e tanto.

Ao longo de três semanas, ele se comportou muito bem, chegava na hora, não a insultava, fazia tudo que ela mandava. Na quarta semana, um pouco depois de uma da tarde, a esposa dele chegou. Nesse dia, ela estava com uma aparência surpreendentemente jovem, de uns dezesseis anos, talvez. Usava um simples vestido cinza de algodão. Seu cabelo, curto e ruivo, estava deslumbrantemente vibrante em contraste com seu rosto pálido.

O jovem sabia que a senhorita Herries almoçaria sozinha. Ele tinha visto a mesa posta para ela com guarnições simples. Foi difícil não a convidar para almoçar. Ela concordou, embora relutante. O almoço não foi um sucesso. Os dois juntos eram enfadonhos, já que ele falava pouco na presença da esposa, e ela por sua vez não falava nada. Além disso, eles juntos formavam um casal bastante sinistro.

Ela os mandou embora depois do almoço. Eles foram sem reclamar. Mas, enquanto ela caminhava, fazendo suas compras naquela tarde, decidiu que precisava se livrar deles, de uma vez por todas. De fato, tinha sido agradável tê-lo por perto, seu sorriso, seus comentários de humor ácido, e suas indicações de que era um vigarista maldoso que se aproveitava de todos, mas que a tinha poupado porque gostava dela — tudo isso a atraía —, mas o que realmente a preocupava era o fato de que, ao longo de todas essas semanas, ele não tinha pedido a ela nenhum dinheiro, inclusive não tinha pedido nada. Ele deveria estar tramando algum golpe, deveria ter algum plano que, de um jeito nefasto, a pegaria desprevenida numa manhã qualquer! Por um instante, ali, debaixo de um sol intenso, em meio ao ruído do tráfego e do farfalhar das árvores, ela se viu de uma maneira surpreendente. Ela vinha sendo extremamente fraca. Seu corpo firme, robusto, sua face rosada, seus fortes cabelos brancos... tudo isso tinha desaparecido, dando lugar a uma medrosa e pequena velha senhora, agarrada à grade do parque, com olhos assustados e joelhos trê-

mulos. Mas estava com medo do quê? Não tinha feito nada de errado. Poderia acionar a polícia. Ela nunca tinha sido covarde antes. Foi para a casa, no entanto, com um estranho ímpeto de sair da sua confortável residência na rua Walpole e se esconder em algum lugar, um lugar onde ninguém a encontrasse.

Naquela noite eles voltaram, o marido, a esposa e o bebê. Ela planejava passar a noite lendo um livro e ir para a cama cedo, até ouvir alguém bater na porta.

Nessa ocasião, ela foi firme. Quando estavam reunidos, ela se levantou e disse:

— Aqui estão cinco libras — ela disse —, e acabou. Se algum de vocês aparecer aqui de novo, vou chamar a polícia. Agora vão.

A moça arfou e então desmaiou à sua frente. E foi um desmaio verdadeiro. Rose foi chamada. Fizeram todo o possível.

— Ela está sem comer — disse Henry Abbott.

Por fim — tamanha a firmeza e resolução do desmaio —, Ada Abbott foi colocada na cama de um quarto vazio e um médico foi chamado. Depois de examiná-la, disse que ela precisava comer e descansar. Esse provavelmente foi o ápice dos acontecimentos. Se Sonia Herries, diante de tudo isso, tivesse permanecido firme em sua resolução de mandar a família Abbott embora, apesar do desmaio, de volta para as ruas frias e sem empatia, talvez agora ela seria uma velha senhora bem disposta e saudável, jogando cartas com seus amigos. No entanto, foi aqui que seu lado maternal ficou forte demais para ser ignorado. A pobre moça estava deitada, exausta, seus olhos fechados, seu rosto quase da mesma cor do travesseiro. O bebê (sem dúvida o bebê mais silencioso já visto) estava em um berço ao lado da cama. Henry Abbott escrevia as cartas ditadas no andar de baixo. Em um instante, Sonia Herries, ao observar a máscara de prata, se assustou ao ver um sorriso malicioso no rosto do palhaço. Aparentava ser um sorriso repleto de sarcasmo.

Três dias depois do desmaio de Ada Abbott, chegaram um tio e uma tia sua, Sr. e Sra. Edwards. O Sr. Edwards tinha um rosto robusto e vermelho, era muito amável e usava um colete cha-

mativo. Aparentava ser cobrador de impostos. A Sra. Edwards era uma mulher magra, de nariz arrebitado e voz grave. Ela era muito, muito magra, trajava roupas frouxas e usava um antigo broche démodé no seu peito chapado, porém emotivo.

Eles se sentaram lado a lado no sofá, e explicaram que tinham vindo saber notícias de Ada, sua sobrinha favorita. A Sra. Edwards chorou, o Sr. Edwards foi amigável e caloroso. Infelizmente, a Sra. Weston e uma amiga vieram visitá-la não muito depois, então acabaram não ficando muito tempo. Elas foram surpreendidas pelo casal e estranharam a intimidade de Henry Abbott. Sonia Herries percebeu que elas tiraram as piores conclusões possíveis.

Uma semana depois, Ada Abbott ainda estava de cama no quarto do andar de cima. Parecia impossível tirá-la dali. O casal Edwards era visitante assíduo. Certo dia, trouxeram o Sr. e a Sra. Harper e a sua filha Agnes. Eles se desculpavam constantemente, mas a senhorita Herries precisava entender que, dado o apego que tinham com Ada, era impossível não fazerem nada. Eles se agruparam no quarto e observaram a figura, pálida e de olhos fechados, de forma afetuosa.

Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Rose pediu demissão e a Sra. Weston veio e teve uma conversa franca com sua amiga. Ela começou de uma forma um tanto sinistra:

— Acho que você precisa saber, querida, o que estão dizendo sobre você...

Todos comentavam que Sonia Herries estava morando com um jovem salafrário da rua com idade para ser seu filho.

— Você precisa se livrar deles, imediatamente — disse a Sra. Weston —, ou vai ficar sem nenhum amigo em Londres, querida.

Quando deixada a sós, Sonia Herries fez algo que não fazia há anos: debulhou-se em lágrimas. O que aconteceu com ela? Não só sua vontade própria e firmeza se esvaíram, como ela não estava se sentindo bem. Seu coração estava ruim outra vez, ela não conseguia dormir, e a casa também estava caindo aos pedaços. Havia poeira por todo o lugar. Como ela substituiria Rose?

Estava presa em um pesadelo. Esse jovem bonito e malicioso parecia mandar nela. Ainda assim, ele nunca a ameaçou. Apenas sorria. Ela também não estava nem um pouco apaixonada por ele. Isso precisava parar, ou ela estaria perdida.

Dois dias depois, na hora do chá, um momento oportuno surgiu. O Sr. e a Sra. Edwards vieram ver como Ada estava; Ada estava finalmente no andar de baixo, embora fraca e pálida. Henry Abbott também estava lá com o bebê. Sonia Herries, embora não estivesse se sentindo bem, falou com eles com vigor. Ela falou especialmente com a Sra. Edwards e seu nariz arrebitado.

— Vocês precisam entender — ela disse. — Eu não quero ser maldosa, mas tenho a minha própria vida para cuidar. Sou uma mulher muito ocupada, e tudo isso me foi imposto. Não quero parecer cruel. Estou feliz em tê-los ajudado, mas acho que a Sra. Abbott está bem o suficiente para ir para a casa... desejo a vocês uma boa-noite.

— Não tenho dúvida — disse a Sra. Edwards, fitando-a do sofá — de que você não tem sido nada além de bondosa, senhorita Herries. Ada reconhece isso, tenho certeza. Mas tirá-la daqui agora certamente a mataria. Qualquer tentativa fará com que ela caia dura no chão.

— Não temos para onde ir — disse Henry Abbott.

— Mas Sra. Edwards... — retomou a senhorita Herries, sua irritação aumentando.

— Nós só temos dois quartos — disse a Sra. Edwards calmamente. — Sinto muito e, ainda por cima, com o meu marido tossindo a noite toda...

— Mas isso é um absurdo! — A senhorita Herries gritou. — Estou farta disso. Minha paciência tem limite.

— E quanto ao meu pagamento — disse Henry —, por todas essas semanas?

— Pagamento! Mas é claro... — A senhorita Herries respondeu. Então ela fez uma pausa. Ela se deu conta de diversas coisas. Se deu conta de que estava sozinha em casa, já que o cozinheiro tinha ido embora à tarde. Percebeu que nenhum deles se

mexeu. Percebeu que as suas coisas — o Sickert e o Utrillo, o sofá — todos estavam vívidos de preocupação. Ela estava com medo do silêncio deles, de sua imobilidade. Ela se movimentou em direção à sua mesa, e seu coração ficou apertado, como se alguém o espremesse, deixando seu corpo repleto de uma intensa angústia.

— Por favor — ela arfou. — Na gaveta... a garrafinha verde... rápido! Por favor, por favor!

A última coisa que ela viu foram as expressões silenciosas e atraentes de Henry Abbott se debruçando sobre ela.

Quando, uma semana depois, a Sra. Weston a visitou, a moça, Ada Abbott, abriu a porta.

— Vim ver a senhorita Herries — ela disse. — Faz tempo que não a vejo. Liguei várias vezes e ninguém atendeu.

— A senhorita está muito doente.

— Ah, que pena. Posso vê-la?

A voz dócil de Ada Abbott a tranquilizou.

— O médico não quer que ela veja ninguém, por enquanto. Pode me dar seu endereço? Eu lhe informarei assim que ela estiver melhor.

A Sra. Weston foi embora. Ela assim relatou o ocorrido:

— Coitada da Sonia, ela não está nada bem. Eles parecem estar cuidando dela. Assim que ela estiver melhor, irei vê-la.

A vida londrina é agitada. Sonia Herries não era tão importante para ninguém. Seus familiares perguntaram por ela e receberam uma carta muito educada certificando que assim que ela estivesse melhor...

Sonia Herries estava de cama, mas não no seu quarto. Ela estava no pequeno quarto do sótão que costumava ser da empregada Rose. No começo, ela ficava deitada em uma estranha apatia. Ela estava doente. Dormia e acordava e dormia de novo.

Ada Abbott, às vezes a Sra. Edwards, às vezes uma mulher que ela não conhecia, cuidavam dela. Todas eram muito amáveis.

Se ela precisava de um médico? Não, é claro que ela não precisava de um médico, elas lhe garantiam. Elas cuidariam dela.

Então, ela começou a melhorar. Por que ela estava nesse quarto? Onde estavam os seus amigos? O que era aquela comida horrível que eles levavam para ela? O que essas mulheres estavam fazendo aqui?

Ela fez um escândalo com Ada Abbott. Tentou sair da cama. A moça a segurou... e com facilidade, já que toda sua força tinha se esvaído. Ela contestou, estava o mais furiosa que sua fraqueza lhe permitia, então ela chorou. Chorou copiosamente. No dia seguinte, viu-se sozinha e se arrastou para fora da cama. A porta estava trancada, ela a esmurrou. Tudo estava em silêncio, exceto por suas batidas na porta. Seu coração começou a doer outra vez, aquela dor que parecia espremê-lo de novo. Ela rastejou de volta para a cama. Ficou ali, chorando baixinho. Quando Ada voltou com um pouco de pão, sopa e água, ela exigiu que a porta fosse destrancada para que ela se levantasse, tomasse banho e voltasse para o seu próprio quarto.

— Você não se recuperou, ainda — Ada disse, gentilmente.

— Mas é claro que já me recuperei, quando sair daqui vão prendê-la pelo que fez...

— Fique calma, tem que ter cuidado com o seu coração.

A Sra. Edwards e Ada deram banho nela. Não a alimentavam o suficiente. Ela estava sempre com fome.

Já era verão. A Sra. Weston foi para Étretat. Todos estavam fora da cidade.

— O que aconteceu com Sonia Herries? — Mabel Newmark escreveu para Agatha Benson. — Faz tempo que não a vejo...

Mas ninguém tinha tempo para se preocupar com isso. Estavam todos ocupados demais. Sonia era amigável, mas não era da conta de ninguém.

Certa vez, Henry Abbott foi vê-la.

— Sinto muito que não esteja se sentindo melhor — ele disse sorrindo. — Estamos fazendo todo o possível para que

melhore. Foi uma sorte estarmos por perto quando ficou tão doente. É melhor que assine estes papéis. Alguém precisa cuidar dos seus interesses até melhorar. Você estará no andar de baixo dentro de uma ou duas semanas.

Fitando-o com os olhos arregalados, apavorada, Sonia Herries assinou os papéis.

As chuvas de outono começaram a lavar as ruas. Na sala de visitas, o gramofone tocava. Ada e o jovem Sr. Jackson, Maggie Trent e o robusto Harry Bennett dançavam. Todos os móveis estavam afastados rente à parede. O Sr. Edwards bebia sua cerveja, a Sra. Edwards aquecia seus pés perto da lareira.

Henry Abbott entrou. Tinha acabado de vender o Utrillo. Sua chegada foi comemorada.

Ele tirou a máscara de prata da parede e foi até o andar de cima. Acessou o sótão, entrou, acendeu sua luz pálida.

— Ah! Quem... O quê... ? — Uma voz assustada ressoou da cama.

— Está tudo bem — ele disse apaziguadoramente. — Ada vai trazer seu chá logo.

Ele estava com um martelo e prego, e colocou a máscara no papel de parede manchado, em um local em que a senhorita Herries pudesse vê-lo.

— Eu sei que gosta dela — ele disse. — Achei que a quisesse para admirá-la.

Ela não respondeu, apenas o fitava.

— Vai querer algo para admirar — ele continuou. — Você está muito doente, infelizmente nunca mais vai poder sair desse quarto. Então será bom ter algo para apreciar.

Ele saiu, fechando a porta gentilmente.

Brackenburn,

21 de outubro de 1930

CONHEÇA O NOSSO CATÁLOGO

Leitor(a), você está por dentro dos últimos
lançamentos da Luva Editora?
O que acha de aproveitar o término deste livro
para conhecer outros dos nossos títulos e
atualizar a sua lista de leitura?

A Funerária do Sr. Iku - O Melhor do Terror Nacional - A Pata do Macaco





A **Luva Editora** tem como missão fomentar a literatura nacional, valorizando o escritor e histórias brasileiras, o que só é possível graças a você: leitor.

Ficamos muito contentes que tenha passado esse tão precioso tempo com nosso livro, se aventurando na imaginação daqueles que contaram essa história.

Agora, convidamos você a conhecer os demais títulos da nossa editora. Temos certeza que muitos deles terão um lugar especial na sua estante e em sua memória.

Conheça a nossa loja:
luvaeditora.com.br



/luvaeditora



(21) 984523455



@luvaeditora